

cultura

Gala gala edições: dois livros para celebrar Fevereiro

"Por eu amar-te tanto" de Rui de Noronha e "Um coração de gozo" de Virgílio de Lemos são os dois livros que chegarão em Fevereiro sob chancela da Gala Gala Edições, editora que começou a publicar ano passado, mas que já se começa a impor.



Calane da Silva (1945-2021)

Uma vida dedicada a palavra

Fez da palavra vida: realidade, ficção e reflexão. Sempre a tentar iluminar caminhos, como aconteceu com o primeiro Samurái negro numa obra que ficou por publicar. Morreu sexta-feira e foi a enterrar domingo. Calane da Silva foi vítima da Covid-19, um nome a suplantiar os números.

O dia amanheceu com sol a tentar se esgueirar para se fazer ver entre as nuvens, com o calor a reclamar presença. Nuvens deixam-se cair em quase silenciosas gotas, como se chorassem; parece um lugar-comum ou cliché, mas é a alusão a “Nyembêti ou as cores da lágrima”, uma narrativa que mistura várias vozes, em que tudo e todos falam, dos espelhos (será uma alusão à Branca de Neve?) às árvores, das estradas aos homens e mulheres. O autor do livro, Calane da Silva, ia a enterrar, depois de ter perdido a luta contra Covid-19 aos 76 anos. Calane é mais um nome a suplantiar os números que são anunciados todos os dias pelas autoridades de saúde, um nome a nominalizar a estatística, a ser mais do que estatística. A Covid-19 a mostrar o que faz com os vivos, mas também com os mortos. O enterro de Calane da Silva, no cemitério de Michafutene, espaço reservado aos que perderam a luta contra Covid-19, foi feito com os mínimos exigidos pelas autoridades de Saúde. Antes de chegar a mesquita da Chadulia, para o ritual de



Calane da Silva

despedida, depois de saído da morgue do Hospital de Mavalane, o corpo de Calane da Silva fez o último passeio pelas artérias da cidade de Maputo, passando pela estrada que dá entrada pela Mafalala, o espaço em que se passa a primeira parte da magnum opus “Xicandarinha na lenha do mundo”, que depois vai terminar na sua eterna Malanga. É um conjunto de contos, que até podem ser lidos como um romance, em que uma chaleira é omnipresente e todas as histórias discorrem a volta dela. Um livro do primeiro contacto com a literatura para uma geração de leitores, desde logo por que alguns contos foram colocados em manuais de ensino. Calane fez da palavra vida, da palavra poesia, como se fosse também ele aquele João à procura da palavra (poesia) como escreveu é um livro.

A palavra, mais do que elemento para construção dos textos que nos deu a ler, foi também objecto de reflexão. São provas do comprometimento académico do escritor títulos como “A Pedagogia do Léxico. O Estiloso Craveirinha. As escolhas lexicais bantus, os neologismos luso-rongas e a sua função estilística e estético-nacionalista nas obras Xigubo e Karingana wa Karingana” (Imprensa Universitária, 2002); “Tão bem palavra: estudos de linguística sobre o português em Moçambique com ênfase na interferência das línguas banto no português e do português no bantu”. (Imprensa Universitária, 2003); “Lírica do Imponderável e outros poemas do ser e do estar” (Imprensa Universitária, 2004); “Do léxico à possibilidade de campos isotópicos literários”. Calane foi também jornalista e o jornalismo cultural tal como

o conhecemos hoje deve-lhe muito. Afinal foi o coordenador da Gazeta de Artes e Letras da Revista Tempo, num tempo de grande fecundidade criativa. Dedicando-se a análises das obras que iam sendo colocadas a lume na época mostrou-se como a referência que podia ser perseguida por gerações que lhe seguiriam. Como crítico, a cumprir este papel de separar o trigo do joio, algumas vezes acertou e outras não na vaticinação do futuro de algumas obras. Escritores há que não lhe perdoam as críticas, acusando-o de irascível e de se fazer de Deus, a declarar vida e morte a uma literatura que começava a despontar. Como Director do Centro Cultural Brasil – Moçambique, ajudou a dinamizar a Literatura, desde logo a sugerir a fundação do Movimento Literário Kuphaluxa, que foi berço de escritores que são porta-estandartes da geração que agora marcha.

Um nome a suplantiar a doença

Calane da Silva morreu após alguns dias de internamento num hospital em Maputo, na sequência de um mal-estar cuja causa se confirmou estar relacionada com uma infecção pelo novo coronavírus.

Natural da ex-Lourenço Marques, actual cidade de Maputo, Calane da Silva era um dos intelectuais mais multifacetados de Moçambique, tendo-se destacado no jornalismo escrito e de televisão, na literatura e na docência. Trabalhou na delegação da Lusa em Maputo, na Televisão Experimental de Moçambique, actual TVM (onde chegou a director de informação e administrador), no diário Notícias e ainda no semanário Domingo, também da capital moçambicana. Leccionou na Escola de Jornalismo de Maputo, Escola Portuguesa de Moçambique e na Universidade Pedagógica de Moçambique. Ocupou ainda o cargo de director do Centro Cultural Brasil – Moçambique. Publicou várias obras literárias, em prosa e poesia, bem como trabalhos científicos na área em que tinha doutoramento - Linguística Portuguesa, no ramo de Lexicologia. Calane foi condecorado pelo Governo com a medalha de mérito de artes e letras. Pela Associação dos Escritores Moçambicanos, agremiação de que foi Presidente de mesa da Assembleia Geral, foi distinguido pelo prémio José Craveirinha, o maior prémio literário em Moçambique.

